



A vocação de Abraão

The vocation of Abraham

Ildo Perondi

Mestre em Teologia Bíblica pela Universidade Urbaniana de Roma, doutorando pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), professor de Sagradas Escrituras e Ecumenismo na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Câmpus Londrina, Londrina, PR - Brasil, e-mail: ildo.perondi@pucpr.br

Resumo

A vocação do patriarca Abraão é importante não somente por ser o primeiro chamado vocacional na Bíblia, mas, sobretudo, pelo exemplo de fidelidade e docilidade com que ele responde ao chamado do Senhor. Deixa sua pátria, seus parentes e sua família e parte, confiando unicamente nas promessas do Senhor, que lhe promete uma terra, a descendência e a bênção. Abraão será abençoado e por meio dele serão abençoados todos os povos da Terra. Assim, Deus conclui com ele a aliança, engrandecendo seu nome e seu destino. Nos relatos sobre Abraão, já emergem os temas principais da religião de Israel: o culto de um único Deus, a revelação, a eleição, a aliança, a promessa e o dom da terra. Sua saga perpassa as demais fases da Bíblia, sobretudo alimentando a esperança dos exilados na Babilônia, e chega até o Novo Testamento. Sua descendência, maior que as estrelas do céu, hoje pode ser comprovada por todas as religiões que têm Abraão por pai da fé.

Palavras-chave: Abraão. Vocação. Promessa. Bênção. Fé.

Abstract

The vocation of the patriarch Abraham is important, not only for being the first vocational call in the Bible, but mainly by the faithfulness and docility with which Abraham answers the God's call. He leaves his homeland, his relatives and his family and departs, trusting only in the Lord's promises, which are regarded to a land, the lineage and the blessing. Thus, God concludes the Alliance with him, aggrandizing his name and destiny. In the stories about Abraham the main themes of Israel's religion are raised up: the worship of one God, the revelation, the election, the alliance, the promise and the gift of the land. The Abraham saga pervades the other biblical' phases, especially nurturing hope of the exiles at Babylon, reaching the New Testament. And its lineage, bigger than the stars in the sky, nowadays can be confirmed by all the other religions that have Abraham as the father of the faith.

Keywords: *Abraham. Vocation. Promise. Blessing. Faith.*

Introdução

Na Bíblia, encontramos os relatos sobre a vida dos patriarcas e matriarcas que se situam entre a história primitiva (Gn 1-11) e o êxodo do Egito (Ex 1-15). São os ciclos de Abraão¹ e Sara (Gn 11,27-25,18)², Isaac e Rebeca, Jacó, Lia e Raquel (Gn 25,19-36,43) e José (Gn 37-50), que narram essa importante etapa da revelação bíblica, que apresenta os pressupostos que condicionam a aliança concluída por Deus com o povo de Israel. Mais do que história, esses textos querem nos transmitir uma mensagem e é nesses relatos que emergem os temas principais da religião

¹ O nome inicial é Abrão, que mais tarde será mudado para Abraão (Gn 17,5). Para facilitar, usaremos o nome Abraão (mais extenso), exceto nas citações bíblicas anteriores a Gn 17,5 ou quando mencionado por outros autores.

² "O ciclo de Abraão foi formado a partir de alguns relatos isolados e breves ciclos narrativos" (SKA, 2000, p. 231).

de Israel: o culto de um único Deus, a revelação, a eleição, a aliança, a promessa e o dom da terra.

O ciclo dos patriarcas e matriarcas conta a vocação dos pais e mães da nossa fé, suas viagens e migrações, ocupações, costumes, casamentos. Trata-se de um grupo fortemente ligado por laços de sangue. Nas narrações, aparecem com frequência as intervenções de Deus, que se manifesta para fazer as promessas. Esse fio condutor une os episódios à promessa de um filho e uma numerosa descendência com a certeza da posse da terra de Canaã.

Nesse conjunto de textos, o chamado de Abraão é relevante, sobretudo pela posição que ocupa dentro do texto bíblico. Abraão é o pai da fé e é ele que dá início à grande aventura da inserção de Deus na história humana, por isso adquire uma dimensão diferente, tornando-se modelo dos chamados. Ao mesmo tempo, é como se o texto bíblico estivesse nos fazendo o mesmo convite, quaisquer que sejam o tempo histórico e lugar em que nos encontramos: “Sai da tua terra!”. É o convite de Deus para a grande aventura da fé, mesmo nestes tempos sombrios, atualizados na canção popular: “Vem, vamos embora, que esperar não é saber, quem sabe faz a hora não espera acontecer”.

O Chamado

O chamado feito por Deus a Abraão é constituído por um breve texto:

O Senhor disse a Abrão: ‘Sai da tua terra, da tua parentela e da casa do teu pai e vai para a terra que eu te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engrandecerei teu nome; sê uma bênção! Abençoa os que te abençoem e amaldiçoarei aquele que te amaldiçoar. Por ti serão abençoados todos os povos da terra’ (Gn 12,1-3).

A iniciativa é unicamente da parte do Senhor. É um chamado vocacional, um convite em vista de um projeto maior que o Senhor tem para ele. O verbo hebraico *halak* (sair, partir, caminhar, andar) é usado no

imperativo: “Sai!”. Embora Abraão seja livre, a ele só restam duas opções: aceitar o chamado com todas as suas consequências ou renunciar e não escutar o convite divino. O Senhor pede mais: Abraão deve romper laços importantes. É necessário que abandone sua região e o lugar onde habita (o país); deve romper com os seus laços mais próximos (parentes); deve deixar a casa paterna (família). “Estes três conceitos indicam que Deus sabe muito bem quão difíceis são tais separações” (RAD, 1982, p. 192).

Deixando tudo, só tem diante de si um único horizonte: a terra que o Senhor lhe promete. É um partir na noite escura, rumo ao desconhecido, sem possibilidade de retorno, acreditando unicamente na Palavra do Senhor. A terra é promessa, colocada num horizonte distante, mas realizável. Abraão ainda não pode vê-la, mas pode imaginá-la, pois o Senhor promete que ele a verá: “eu te mostrarei” (Gn 12,1). Somente quando chega a Siquém o Senhor lhe diz que é esta a terra da promessa (Gn 12,6-7; 17,8). O texto indica também que o Senhor confia na resposta positiva de Abraão e, por isso, são apresentados os novos elementos da promessa: a descendência e a bênção.

A idade de Abraão já era avançada, Sara era estéril (Gn 11,30) e eles não tinham filhos. Na época, a esterilidade era um problema sério, pois impedia a continuidade da descendência, tanto que, se a esposa não lhe desse filhos, o marido tinha o direito de buscar outra mulher para garantir a descendência e, com isso, assegurar a continuidade do seu nome. O Senhor lhe promete que sua descendência será grande: “Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas, se as podes contar... Assim será a tua posteridade” (Gn 15,5). A promessa é apresentada com este simbolismo vigoroso: “o céu estrelado e silencioso aponta ao poder ilimitado do Deus oculto que, ao revelar-se só em sua palavra, provoca a aventura da confiança pessoal pela qual o homem se entrega inteiramente nas mãos de Deus” (EICHRODT, 2004, p. 727).

Outro elemento importante e fundamental no chamado é a promessa da bênção. Abraão será abençoado. A bênção divina é sinal de proteção e de graça, ao mesmo tempo se diz que será amaldiçoado quem amaldiçoar Abraão. Rad (1982, p. 193) chama atenção para esse aspecto: “Note-se também o singular ‘ao que te amaldiçoa’ em

contraste com o plural ‘os que te abençoam’³. Contudo, mais do que ser abençoado, Abraão será fonte de bênção: “Por ti serão benditos todos os clãs da terra” (Gn 12,3). Ao ser abençoado, recebe também a promessa de que seu nome “será engrandecido”. O nome vai ser ampliado, conforme analisaremos mais adiante, mas também Abraão se tornará fonte de bênçãos e pai de numerosas nações, todos os povos sendo abençoados por meio dele.

É importante ressaltar que a promessa, na sua totalidade, foi feita pelo Senhor a Abraão antes ainda de ter instituído com ele a aliança e de ele ter sido circuncidado. Abraão recebe o chamado quando ainda não havia feito o pacto (*berit*) com Deus, mas por causa da fé no Deus que o chamou. Diante da promessa do Senhor, sua resposta novamente é definida com uma única ação: “Abraão creu no Senhor, e lhe foi tido em conta de justiça” (Gn 15,6)⁴.

A resposta de Abraão

A resposta de Abraão é surpreendente. Um único verbo informa sua decisão: wayyelek ‘avram – “E partiu Abrão [...]” (Gn 12,4a). “Um verbo diz tudo – partiu –: confiança, acatamento do perigo, caminhada para o desconhecido e obediência à palavra de Deus” (TORRALBA, 1997, p. 73).

Abraão não apresenta resistências a Deus, nem indica as suas fraquezas e dificuldades para a missão para a qual é chamado, como fará Moisés (Ex 3,11; 4,1.10 etc.); também não demonstra dúvidas com relação à missão que lhe é apresentada, nem busca negociar condições, como fará mais tarde (Gn 18,22-33). Ele responde com total confiança por meio do seu gesto de partir. Isso significa, para Abraão, abandonar aquilo que é seguro e ir para um lugar

³ Algumas Bíblias, talvez influenciadas pela LXX, traduzem no plural “amaldiçoarei aqueles que te amaldiçoarem” (Bíblia de Jerusalém, Almeida), enquanto outras traduções preferem o singular (Tradução Ecumênica da Bíblia – TEB, Peregrino, Bíblia Brasileira).

⁴ Essa afirmação será fundamental para as argumentações do apóstolo Paulo para a justificação pela fé (ver Rm 4; Gl 3,6ss).

distante e desconhecido, algo que só é possível de ser visto aos olhos da fé: confiar na Palavra do Senhor. Ele se põe a caminho: “Abrão partiu, como lhe disse o Senhor” (Gn 12,4a). Leva consigo sua mulher, Sara, seu sobrinho, Ló, e os poucos bens que devia ter adquirido em Harã. Além disso, carrega uma idade de 75 anos (Gn 12,4).

Chegando a Siquém, Abraão começa a sua peregrinação já dentro da terra da promessa e, por onde passa, nas cidades cananeias, constrói altares celebrando seu Deus. Segundo Bergant e Karris (1999, p. 69), “o carvalho de Moré (12,6) era uma árvore sagrada, indicando que aí existia um culto antigo em Siquém antes da visita de Abrão”. Grandes eventos aconteciam perto de árvores sagradas, pois se acreditava que seriam lugares propícios para a comunicação divina (Gn 35,4; Dt 11,30; Jz 9,37). Assim, Abraão celebra cultos e estabelece altares, seguindo “rituais religiosos domésticos, é uma forma bem conhecida com base nos restos da antiga Mesopotâmia” (MCKENZIE, 1994, p. 8). Ele é como aquele que difunde o monoteísmo num território marcado pelo politeísmo e pela idolatria, propondo a adoração de um Deus único. “Estes altares, erguidos por Abraão ao longo de seu caminho, assinalam o significado religioso de seu empreendimento. Cada ponto onde ele pára apresenta-se como uma visita que ele faz a seu Deus, este Deus que o chamou e ao encontro de quem ele está indo” (E ABRAÃO..., 1980, p. 13).

Abraão

Abraão é filho de Terah⁵ (Gn 11,27), mas não sabemos o nome da sua mãe. Teve dois irmãos: Nacor e Arã, que foi o pai de Ló. Parece que Arã morreu ainda jovem, na presença do seu pai (Gn 11,28). Terah teria migrado também até Harã e aí teria morrido com 205 anos (Gn 11,31-32). A mulher de Abraão se chama Sarai e, assim como ele, tem seu nome mudado, passando a se chamar Sara (Gn 17,15), que significa “princesa”. Abraão tem seu primeiro filho, chamado Ismael, com Agar, sua serva (Gn 16), numa tentativa de suscitar descendência, seguindo o costume da época, mas o filho que lhe dará a

⁵ Terah está no original da Bíblia Hebraica Stuttgartensia (BHS) e é traduzido pela TEB e Almeida. A Bíblia de Jerusalém prefere usar Taré.

descendência prometida será com Sara e se chamará Isaac (Gn 17,19). Segundo a tradição sacerdotal, depois da morte de Sara, Abraão tomou por esposa Cetura, com a qual teve seis filhos (Gn 25,1-6).

Abraão é considerado o “amigo de Deus” (Is 41,8; Dn 3,35 [LXX]; Jd 2,23), “o mais belo título de Abraão, conservado ainda hoje nas tradições árabe e muçulmana” (BÍBLIA..., 2002, p. 1557), pois Deus “o amará para sempre” (2Cr 20,7). Também é chamado profeta (Gn 20,7), “no sentido de alguém que tem relações privilegiadas com Deus; o que faz dele uma pessoa inviolável (Sl 105,15)” (BÍBLIA..., 2002, p. 59). Ainda, é considerado um homem justo (Sb 10,5). Sobre ele, afirma-se que observou toda a Torá, embora ainda não estivesse escrita, e pertence à lista dos justos que jamais pecaram (JEREMIAS, 1988).

No episódio do conflito com Ló (Gn 13), percebemos que Abraão é um homem justo e que busca a paz. Por ser chefe do clã, poderia ter escolhido os melhores campos, mas deixa o melhor para Ló, para evitar brigas entre irmãos: “Que não haja discórdia entre mim e ti, entre meus pastores e os teus, pois somos irmãos!” (Gn 13,8). Para ele, “o valor supremo é a fraternidade e a paz entre irmãos. Por esses valores renuncia a seus próprios direitos. Entre irmãos, os problemas nunca devem ser resolvidos pela força. Abraão é um predecessor do ‘príncipe da paz’” (ARANA, 2003, p. 194). Com razão, no judaísmo o patriarca Abraão, num Midrash, é comparado a “um frasco de delicioso e precioso perfume. Mas desde que este cheiroso perfume é transportado por diversos lugares, todos se deleitam com seu aroma” (TORÁ, 2001, p. 29).

O significado do nome e a mudança

O chamado é feito quando ele tem o nome mais curto: Abrão (*Abrâm*), literalmente “Meu Pai [Deus] (é) alto, eminente, superior” (ARANA, 2003, p. 229; PAYNE, 1998, p. 6; RAD, 1982, p. 244), e se torna Abraão (*Abrahâm*), significando “pai de uma multidão” (Gn 17,5). Por ocasião da promessa, o Senhor lhe havia dito “engrandecerei o teu nome” (Gn 12,2b) e alguns entendem que a expressão de fato esteja se referindo a tornar o seu nome mais extenso, como “o pai de multidões (*ab-hamôn*)” (ARANA, 2003, p. 228). O nome de Abraão será ampliado, aumentado. Outros entendem que o “alargamento” do nome se dará

porque este se tornará importante. As duas opiniões são conciliáveis. Isso acontece quando Abraão já tem 99 anos e é instituída a aliança. Disse-lhe o Senhor: “E não mais te chamarás Abrão, mas teu nome será Abraão, pois eu te faço pai de uma multidão de nações” (Gn 17,4).

Jeremias (1988), baseado em Johanan b. Zakkai b. Hag 14b, sugere que o nome seria *‘avinú*, significando “pai nosso”. A Bíblia de Jerusalém (2002, p. 54) diz que, “de fato, Abrão e Abraão parecem ser duas formas dialetais do mesmo nome e significam igualmente: ‘Ele é grande quanto ao seu pai, ele é de minha linhagem’. Mas Abraão é explicado aqui pela assonância com *‘ab hamôn*: ‘pai de multidão’”. O nome de uma pessoa determina sua natureza; por isso, sua mudança implica também a mudança do seu destino (Gn 17,15; 35,10). A Bíblia Hebraica, em nota de rodapé, explica que

no Talmud Rosh Hashaná 16b está escrito o seguinte: ‘Quatro coisas anulam a sentença decretada a um homem: a caridade, a oração, a mudança de nome e a mudança de proceder’[...] Deus mudou o nome de Sarai para Sara e de Abrão para Abrahão a fim de mudar-lhes o destino decretado anteriormente e de poderem ter filhos (TORÁ, 2001, p. 40).

São interessantes algumas interpretações judaicas que entendem que a verdadeira mudança no nome aconteceu com a inclusão da letra “H” no nome de Abraão, que é uma das letras do Tetragrama do Nome de Deus (YHWH). A transliteração correta do hebraico é Abrâm, que passa a ser Abrahâm. O mesmo acontece com Sarai, que passa a se chamar Sarah (Gn 17,15). Essa operação estaria ligada à aliança, cujo símbolo é a circuncisão (Gn 17,10); enquanto Abraão traz na carne o selo de pertença ao seu Deus (que seria a participação humana no pacto com Deus), o Senhor, em correspondência, incluiria parte do seu nome no nome de Abraão.

Abraão é herói?

Há divergência no sentido de ver em Abraão um herói. O *Dizionario di Teologia* Bíblica entende que é “notável a conduta de

Abraão como herói na luta contra os reis aliados de Amarafel e o seu encontro com Melquisedec (Gn 14,17-24)” (LEON-DUFOUR et al., 1978, p. 3). Jeremias (1988) também vê em Abraão, no judaísmo tardio, o herói nacional e religioso do povo. Outros autores vão para o sentido contrário ao afirmar que “os patriarcas estão pouco mitificados e dificilmente se pode considerá-los heróis lendários” (TORRALBA, 1997, p. 71). Nesse sentido, excluindo o texto de Gn 14,17-24, Abraão não é um herói lendário e vencedor, mas alguém também marcado pela fraqueza, pelas falhas, que confia e crê. Ao mesmo tempo, ele se coloca no caminho do Senhor que o chama. Abraão é o depositário fraco das promessas divinas e conta com a ajuda de Deus, que o protege e o acompanha na longa caminhada. Abraão velho e Sara estéril geram Isaac e o novo patriarca aos poucos vai tomando posse da terra de Canaã.

O texto de Gn 12,10-20, de autoria do javista, nos mostra Abraão como “um pobre homem de carne e osso como os demais” (ARANA, 2003, p. 189) e, sem escrúpulos, narra sua descida ao Egito por iniciativa própria, mostrando seu egoísmo. Não foi um chamado de Deus, mas uma decisão que ele tomou para tentar resolver o problema da fome. Lá, Abraão quase pôs tudo a perder. Para salvar sua vida, pouco se importa que sua mulher Sara seja entregue ao faraó. Com isso,

Abrão colocou em perigo a descendência prometida, que deveria vir por meio de Sarai: a mulher na qual descansava a esperança [...] Abrão que tinha entrado no Egito com o que possuía, teria enriquecido, mas teria perdido a sua mais rica posse, sua mulher [...] e não se teria podido cumprir a promessa através de Abrão-Sarai. E provavelmente Abrão teria feito do Egito a sua própria pátria, esquecendo-se da terra prometida (ARANA, 2003, p. 189).

Mas o Senhor muda a sorte dos acontecimentos, retoma a história e dá cumprimento às promessas que havia feito.

Em meio às suas fraquezas e incertezas, Abraão torna-se modelo, não por suas proezas, mas por sua fidelidade. Ele “é o tipo de crença que se agarra às promessas divinas e vive de sua certeza na vontade de Deus até mesmo contra as aparências” (EICHRODT, 2004, p. 727).

Partir de onde para onde?

Em Gênesis, aparecem duas versões diferentes: uma diz que Abraão partiu de Ur dos caldeus (Gn 11,28.31; 15,7; Ne 9,7), uma cidade antiga às margens do rio Eufrates, na Mesopotâmia; a outra afirma que partiu de Harã (Gn 11,31b; 12,7), situada ao norte da Mesopotâmia. Mesmo sendo aparentemente contraditórias, é possível harmonizar as duas correntes de opinião. Talvez o deslocamento tenha sido em etapas: num primeiro momento, o clã sai de Ur e vai até Harã; depois, Abraão parte com aquilo que ali adquiriu (Gn 12,5) e vai até Canaã. Essa opinião está também no discurso de Estêvão: “Saindo, pois, da terra dos caldeus, ele veio estabelecer-se em Harã. Dali, após a morte de seu pai, Deus o transferiu para esta terra, na qual vós agora habitais” (At 7,4). No entanto, há outra hipótese, baseada em Gn 24, bastante consistente também, que informa que o clã de Abraão teria origem em Ur e ele teria nascido em Harã, para onde o clã havia se deslocado; é para lá que Abraão envia um servo para que escolha uma mulher para seu filho Isaac. Seja qual for a mais plausível, o certo é que Abraão faz parte do grupo de migrantes seminômades que, entre os anos 2000 e 1700 a.C., partiram, migrando no chamado “crescente da meia lua fértil”, da Mesopotâmia às terras de Canaã, em busca de um futuro melhor.

O roteiro seguido por Abraão deve ter sido o seguinte: ele partiu do sul da Mesopotâmia e, seguindo ao longo dos rios, percorreu o país em direção aos planaltos mais elevados (de Ur a Harã); descendo para a atual Turquia, foi em direção à Síria e depois à Jordânia até chegar à terra de Canaã. Na terra prometida, a primeira parada foi em Siquém, no Carvalho de Moré (Gn 12,6); de Siquém, ele passou à montanha, tendo Betel a oeste e Hai a leste (Gn 12,8). Depois, de acampamento em acampamento, foi para o Negueb. O caminho é muito semelhante ao que fará mais tarde Jacó e também àquele percurso que Josué fará por ocasião da conquista. “A Escritura intenciona nos oferecer aqui, através da conquista simbólica de Abraão, um antegozo do que iria acontecer aos seus descendentes” (CASSUTO, 1961, p. 82). Depois de conhecer a

terra, ainda faz uma viagem até o Egito, de onde retorna para atravessar a Judeia em direção à Galileia (E ABRAÃO..., 1980, p. 11).

Historicidade dos relatos de Abraão

Ultimamente, a crítica histórica tem levantado muitas dúvidas sobre a historicidade dos relatos sobre os patriarcas. Não é a intenção analisar esse aspecto no que se refere ao chamado de Abraão, pois concordamos que não podemos ler com os critérios históricos de hoje as histórias dos patriarcas. Bright (2003, p. 95) afirma que “as narrativas patriarcais não são certamente documentos históricos contemporâneos aos acontecimentos que narram”.

Também parece que têm bom fundamento as opiniões daqueles que consideram que alguns textos referentes a Abraão tenham sido escritos já no judaísmo tardio, entre eles Gn 12,1-4a, e que os escritos sobre Jacó, o outro patriarca, sejam mais antigos. Por exemplo, segundo Ska (2000, p. 195), “o objetivo de Gn 12,1-3 é fazer de Abraão o antepassado dos exilados que voltaram da Babilônia para Israel e de legitimar as suas prerrogativas diante daqueles que permaneceram no país. Os dois grupos disputavam a posse do país, como testemunha Ez 33,24”. Dessa forma, assim como Abraão respondeu positivamente ao chamado de Deus, os exilados aceitam-no para voltar à terra de Israel, uma vez que eles se consideram herdeiros espirituais do pai Abraão.

Também não parece justo atribuir todo o material abraâmico a uma mera ficção e que este tenha como único objetivo fazer as pontes entre os diversos clãs. Segundo Clifford (2007, p. 80), “a história de Abraão e Sara é uma coleção de pequenas histórias, provenientes de diversas origens” e em sua maioria pertencem à fonte javista. Os relatos, escritos talvez mais de mil anos depois, se baseiam em tradições orais que se mantiveram vivas. “Não parece provável que um grupo humano inventasse seu pai. Pode inventar heróis, santos, mas não os seus progenitores” (TORRALBA, 1997, p. 70). Mckenzie (1994, p. 7) concorda com isso ao afirmar que “não é mais possível considerar Abraão como uma pessoa inteiramente fictícia, criada para personificar uma tribo, muito embora nem todas as tradições

a ele referentes tenham o mesmo valor histórico” e considerando que os textos escritos sobre ele contenham material folclórico.

Do ponto de vista histórico, “torna-se impossível dizer, em termos de séculos, quando Abraão, Isaac e Jacó realmente viveram. [...] Não sabemos nada das suas vidas a não ser o que a Bíblia nos diz” (BRIGHT, 2003, p. 103).

Dez provas e sete Bênçãos

Abraão é reconhecido como aquele que soube superar as provações que a missão lhe impôs “e foi reconhecido fiel na prova” (Eclo 44,21b). Cassuto (1961), baseado nas tradições rabínicas, conseguiu identificar que Abraão foi capaz de suportar dez provas e também foi beneficiado por sete bênçãos.

As dez provas

1. A migração saindo da casa de seus parentes e deixando a sua pátria (consolação) (Gn 12,1-4.7);
2. A viagem perigosa ao Egito (e o retorno bem-sucedido a Canaã) (Gn 12,10-13,1);
3. Conflito com Ló, separação (renovação da promessa da terra e da descendência) (Gn 13,2-18);
4. O resgate de Ló (a bênção de Melquisedec) (Gn 14,1-24);
5. O perigo da perda do filho de Agar (a certeza de que Ismael e sua descendência gerariam uma grande nação) (Gn 16,1-17,27);
6. O teste por meio da circuncisão (a visita dos três mensageiros) (Gn 18,1-15);
7. Ló em perigo devido à pecaminosidade de seus vizinhos (Ló é salvo por causa de Abraão) (Gn 18,16-19,29);
8. Abraão novamente em perigo diante de um rei estrangeiro (Abrão e Sara são libertados e Isaac nasce em paz) (Gn 20,1-21,7);

9. O nascimento de Isaac, significando a partida do primogênito (aliança com seus vizinhos, construção de um novo santuário em Bersabeia e proclamação, lá, do nome de Iahweh) (Gn 21,8-34);
10. A oferta de Isaac (forte renovação das promessas) (Gn 22,1-19).

As sete Bênçãos

Seguindo a proposta de Cassuto (1961), é possível também identificar no ciclo abraâmico sete bênçãos:

1. por ocasião do chamado e da promessa (Gn 12,2-3);
2. quando já está em Siquém e o Senhor lhe aparece novamente e reafirma a promessa da terra e da descendência (Gn 12,6-8);
3. depois que se separou de Ló e contemplando toda a terra, que novamente lhe é assegurada, bem como a descendência (Gn 13,47-17);
4. depois do encontro com Melquisedec, mais uma vez lhe é confirmado o nascimento de filhos, além da promessa da terra (Gn 15,1-19);
5. por ocasião da instituição da aliança e do anúncio do nascimento de Isaac e que uma multidão de nações sairia dele e de Sara (Gn 17,1-27);
6. na aparição dos três mensageiros, que anunciam que no ano seguinte Sara dará à luz um filho (Gn 18,1-33);
7. a sétima é mais abrangente e mais exaltada e ocorre após a disposição de Abraão em oferecer seu filho Isaac. A exemplo da primeira, é constituída por sete expressões (Gn 22,15-18).

A bênção faz parte do chamado de Deus a Abraão. Clifford (2007) sugere que devemos traduzir “por ti serão benditos todos os povos da terra” (Gn 12,3b), que gramaticalmente é preferível a “em ti” (cf. traduziram a TEB e a Bíblia de Jerusalém). Seria o mesmo que dizer “graças a ti todos nós somos abençoados”.

A realização das promessas

As promessas feitas a Abraão se cumpriram. A posse da terra começa com sua chegada a Canaã e mais concretamente quando ele adquire o primeiro pedaço de chão, em Macpela, defronte do campo de Mambre, em Hebron (Gn 23,1-20), onde sepultou sua mulher Sara e, mais tarde, será sepultado também (Gn 25,9-10). É certo que a verdadeira posse já havia sido anunciada, sendo dada somente “à sua posteridade” (Gn 12,7) e concretizada depois da saída do Egito e da conquista da terra (Js 21,43-45; 23,13-16).

Abraão viu realizar-se a promessa de uma descendência para ele e Sara (em idade avançada e estéril) com o nascimento de Isaac. De Isaac nascerá Jacó, que será o pai dos 12 filhos que darão o nome das 12 tribos de Israel. Já a promessa da bênção a Abraão acontece em sua vida (ver as sete bênçãos) e também pode ser confirmada por ocasião da sua morte. Ele morre com idade avançada (175 anos), “numa velhice feliz, idoso e saciado de dias, e foi reunido à sua parentela” (Gn 25,8). Além disso, por meio dele, as gerações seguintes tornaram-se portadoras de bênçãos.

A extensão do chamado de Abraão na Bíblia

O chamado de Abraão não é importante só porque ocupa o primeiro lugar dos chamados na Bíblia, mas porque dá as indicações para os demais. Abraão é citado 233 vezes em todo o Antigo Testamento (62 vezes como Abrão); fora do seu ciclo, quando é citado, é para recordar “o Deus de Abraão”, sua descendência, a aliança que Deus estabeleceu com ele ou então as promessas feitas a ele. O Livro da Sabedoria, mesmo sem nominá-lo diretamente, diz que “quando os povos, concordes na malícia, foram confundidos, ela [a Sabedoria] reconheceu o justo e o guardou imaculado diante de Deus, conservando-o forte, sem abrandar-se diante de seu filho” (Sb 10,5). No Novo Testamento, seu nome é citado 78 vezes e, ao lado de Moisés, é a figura do Antigo Testamento mais recordada. Os Evangelhos reconhecem sua importância na história da salvação (Mt 8,11; Mc 12,26; Lc 16,22ss; 19,19), embora Jesus seja superior a ele (Jo 8,52-59).

Jesus e a Igreja primitiva reconhecem a descendência de Israel de Abraão (Lc 13,16; 16,24ss; 19,9ss) e afirmam que também os pagãos “sentarão à mesa com Abraão” (Mt 8,11; Lc 16,26ss). Abraão é visto como modelo de obediência à vontade de Deus (Jo 8,39ss; Tg 2,21-24). Por sua vez, o apóstolo Paulo vê em Abraão o exemplo para a justificação por meio da fé (Rm 4,1ss; Gl 3,6ss). Os cristãos, sejam de procedência judaica ou pagã, são os verdadeiros filhos de Abraão e verdadeiros herdeiros das promessas a ele feitas (Rm 4,1.12; 9,7-8; Gl 3,7.9.29; 4,22ss; Tg 2,21; Hb 2,16; 6,13ss). Paulo entende que, com o evento de Cristo, o que importa não é mais a descendência física, mas, sim, a descendência espiritual de Abraão, pois é a fé em Cristo que nos torna verdadeiros filhos daquele (Gl 3,29).

A Epístola aos Hebreus recorda:

Foi pela fé que Abraão, respondendo ao chamado, obedeceu e partiu para uma terra que devia receber como herança e partiu sem saber para onde ia. Foi pela fé que residiu como estrangeiro na terra prometida, morando em tendas com Isaac e Jacó, os co-herdeiros da mesma promessa. Pois esperava a cidade que tem fundamentos, cujo arquiteto é o próprio Deus (Hb 11,8-10).

Mensagem para os nossos dias

Abraão é um personagem que encanta e desafia. Sua docilidade à escuta do chamado e sua pronta resposta, com a firme determinação de partir em busca do novo, daquilo que há de vir, são também um convite para nossos desafios hoje. Em épocas de crises, como esta que estamos vivendo, em que os heróis apresentados são sempre perfeitos e vitoriosos, Abraão aparece em meio às suas fraquezas e seus limites, mas como um exemplo de fidelidade ao Senhor que o chama e ensina que a aventura da fé no meio da noite escura é possível quando se crê e confia em Deus.

Abraão ultrapassa o ciclo patriarcal. Sua fidelidade ao Senhor marcou as fases seguintes da história do povo de Deus. Os exilados na Babilônia viram nele um modelo a ser seguido, que os motivou a retornar à terra prometida. O patriarca percorre os textos bíblicos e chega ao Novo Testamento ensinando com sua fidelidade ao projeto de Deus e com seu

exemplo de vida e vai além da própria Bíblia: judeus, cristãos, muçulmanos e outras religiões encontram nessa figura um modelo de homem de fé que deixou marcas. Sua descendência, maior do que as estrelas do céu (Gn 15,5; 22,17), continua a multiplicar-se, não tanto por meio da sua descendência física, mas, sobretudo, pelos herdeiros espirituais que, em todos os tempos, veem em Abraão o pai da nossa fé.

Referências

ARANA, A. I. **Para compreender o livro do Gênesis**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BÍBLIA de Jerusalém. Texto, introduções e notas de rodapé. São Paulo: Paulus, 2002.

BERGANT, D.; KARRIS, R. J. **Comentário Bíblico**. Evangelhos e Atos, Cartas, Apocalipse. São Paulo: Loyola, 1999. v. 3.

BRIGHT, J. **História de Israel**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CASSUTO, U. A. **A commentary on the Book of Genesis**. Jerusalem: Hebrew University Press, 1961. v. 2.

CASSUTO, U. A. **A commentary on the Book of Genesis**. Jerusalem: Hebrew University Press, 1961. v. 2.

CLIFFORD, R. J. Gênesis 1,1-25,18. In: BROWN, R. E.; FITZMYER, J. A.; ROLAND, M. E. **Novo comentário bíblico São Jerônimo**: Antigo Testamento. São Paulo: Academia Cristã; Paulus, 2007. p. 59-97.

E ABRAÃO partiu... Gênesis 12-50. São Paulo: Paulinas, 1980.

EICHRODT, W. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Agnos, 2004.

JEREMIAS, J. Αβρααμ. In: KITTEL, G. (Ed.). **Grande lessico del Nuovo Testamento**. Brescia: Paideia, 1988. v. 1. p. 23-26.

LEON-DUFOUR, X. et al. **Dizionario di teologia biblica**. Roma: Marietti, 1978.

MCKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1994.
PAYNE, J. B. Abrâm. In: HARRIS, L. (Org.). **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

RAD, G. **El libro del Genesis**. Salamanca: Sígueme, 1982.

SKA, J. L. **Introduzione alla Lettura del Pentateuco**: chiavi per l'interpretazione dei primi cinque libri della Bibbia. Bologna: EDB, 2000.

TORÁ, a Lei de Moisés. Tradução de Ohel Yaacov. São Paulo: Sefer, 2001.

TORRALBA, J. G. Pentateuco. In: OPORTO, S. G.; GARCÍA, M. S. (Org.). **Comentário ao Antigo Testamento**. São Paulo: Ave Maria, 1997. v. 1. p. 31-111.

TRADUÇÃO Ecumênica da Bíblia (TEB). Texto, introduções e notas de rodapé. São Paulo: Loyola, 1994.

Recebido: 06/08/2012

Received: 08/06/2012

Aprovado: 09/10/2012

Approved: 10/09/2012